ESPORTE E A SOCIEDADE GLOBAL: AS SUBJETIVIDADES NA CONTEMPORANEIDADE

SPORT AND THE GLOBAL SOCIETY: THE SUBJECTIVITIES IN THE CONTEMPORANEITY

Bruno Stramandinoli Moreno*
Afonso Antonio Machado**

RESUMO

O objetivo deste trabalho é discutir a interface identidade, esporte, globalização (sob a égide do desenvolvimento tecnológico, da tradição) e a contradição entre a afirmação da identidade e o incremento tecnológico no avanço da globalização no contexto esportivo. Quando se pensa no caráter conferido ao esporte ao longo dos tempos, vemo-lo engendrado como articulador de subjetividades na vida do ser humano. O esporte, enquanto atividade humana, modifica não apenas o mundo, mas também o homem que o executa, mergulhado em uma sociedade que, a partir da exaltação teórica da categoria esporte, vê-se transformada, efetivamente, como um todo: agora vista como uma sociedade de esportistas. Com o advento de singulares formas de organização do esporte o indivíduo viu-se não mais pautando sua vida em necessidades de pertencimento à família, às comunidades, às organizações sociais, mas sim impelido a acreditar em possibilidades de desenvolvimento de si como sujeito autônomo e livre.

Palavras-chave: subjetividade. Esporte. Globalização. Psicologia do Esporte.

INTRODUÇÃO

A intenção, ao se associar identidade e esporte, é permitir que em uma mesma situação se explicitem os vários elementos presentes no permanente movimento que caracteriza o processo de transformação tanto da identidade quanto da prática esportiva. Esta relação é estabelecida a partir das interações (de oposição ou composição) de pessoas, grupos, instituições, envolvendo tanto os elementos subjetivos quanto os objetivos contextualizados sociais, econômicos e culturais. As condições objetivas referem-se às estruturas sociais que em diferentes tempos e lugares compõem a *identidade* e passam a se constituir nos fundamentos para os relacionamentos que se dão.

O objetivo deste trabalho é discutir a associação entre identidade, esporte e globalização (sob a égide do desenvolvimento tecnológico, da tradição) e a contradição entre a

afirmação da identidade e o incremento tecnológico no avanço da globalização e contexto esportivo.

OS MECANISMOS DE SUBJETIVIDADE: NOVAS IDENTIDADES

A analisar a chamada pós-modernidade (HALL, 1999; HARVEY, 1996), supermodernidade (AUGÉ, 1994) ou modernidade radicalizada (GIDDENS, 1991), conseguimos constatar um caminho para uma crise de identidade, gerada por alguns fatos próprios da contemporaneidade, como a globalização (IANNI 1996; D'ADESKY, 2001; DUPAS, 2000; MAGNABOSCO, 2002), o avanço tecnológico (HELOANI, 2000) e as transformações sociais (IANNI, 1996). Acredito eu ser unânime (ao elenco de autores acima) a adoção das características de transitoriedade, de efemeridade e de volatilidade ao momento

* Psicólogo, mestrando em Ciências do Movimento – UNESP – Rio Claro – SP, pesquisador do Laboratório de Pesquisas e Estudos em Psicologia do Esporte – LEPESPE.

* * Livre-docente do DEF/IB/UNESP – Rio Claro – SP, coordenador do Laboratório de Pesquisas e Estudos em Psicologia do Esporte – LEPESPE.

hodierno, independentemente da terminologia empregada.

Essa crise identitária pode ser melhor compreendida a partir de uma visão histórica sobre sua construção. Historicamente é possível pontuar três concepções básicas de identidade, a saber: o sujeito cartesiano, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno.

Segundo Hall (1999), temos a terceira concepção de construção identitária, esta já num contexto mais efêmero. Aqui o sujeito, na era contemporânea, é dotado de uma flexibilidade vista como necessária em um ambiente sociotecnológico essencialmente dinâmico e veloz. Nesta época, caracterizada pela contemporaneidade, quanto mais estável e rígida a identidade, mais passível de fragmentação. O que significa que, para o autor, o sujeito pós-moderno, ao contrário das concepções anteriores, não é detentor de uma única, fixa, essencial ou permanente identidade. Ao contrário, possui identidades, editadas conforme a necessidade do contexto, haja vista que para o autor a identidade é realmente algo formado ao longo do tempo, não é algo inato, existente no momento do nascimento.

Isso mostra uma concepção de identidade ativa, sustentada pela afirmação de Hall, para quem a:

[...] identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação [...] se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar [...] (1999, p.13).

A resultante disto é a experiência da identidade como construção, ao passo que nos confrontamos com o anseio de movimentos e grupos em estar na direta continuidade com um passado ameaçado de destruição ou injustificadamente violentado. Não há identidades puramente expressivas. Há, em consequência da lógica da globalização, segundo Burity (2001), reafirmações de identidades combinadas às novas ênfases e objetos de disputa; como uma reinvenção de identidades

para objetivos políticos ou mercadológicos (inclusive como forma de *apresentação* da diversidade local que funciona na indústria do turismo); e o surgimento de novas identidades. Em cada um dos casos, a *construção da identidade* se propõe a legitimar uma situação, para resistir a ela ou para introduzir nela novas questões e práticas que apontem para projetos de mudança social.

Com o advento de tempos mais frenéticos, o processo de construção da identidade, encontra-se em um:

[...] novo tempo que assumiu a rubrica [da contemporaneidade], palavra impossível de evitar, referente aos ciclos históricos, aos estilos estéticos e às marcas da época reescritos na ordem da sociedade e no comportamento humano privado, nos sistemas de pensamento, de projetos e de valores. [...] É este sujeito [...] que não pode se identificar com nenhum significante a não ser ao preço de seu desaparecimento. Sua condição é o próprio corte no sentido. Ele é pontual quanto à verdade que, ao vir à luz, perde-se no saber [...] (DA POIAN, 1998, p.174-seq.).

A construção da identidade na contemporaneidade é caracterizada pela expiração das garantias absolutas. Como se não existissem mais identidades, existindo, sim, posições de sujeito dentro da trama de relações discursivas e históricas. Como se fosse incoerente perseguir uma essência desse sujeito. Assim, o trabalhador e sua identidade são também efeitos dessas operações discursivas, e não essências que preexistam à sua construção. Ele é resultado, não de uma operação de desvinculação em relação ao poder, mas, de uma ocultação do vínculo de sua auto-regulação com o poder. Não é mais livre e sim mais governável, na medida em que se autogoverna (FOUCAULT, 1994).

Com esse caráter metamórfico no processo de construção da identidade, pode ocorrer que fatos que antes nos afetavam, de algum modo hoje já não nos afetam, ou pelo menos, não nos proporcionam as mesmas sensações de outrora. O significado, e conseqüentemente, a importância de tais fatos, já não são os mesmos

para o sujeito. Isto nos impõe um fato: com a mudança da nossa própria identidade passamos a perceber os que nos circundam de maneira outra. Nossa percepção deles se modifica também, não apenas pelo fato de eles também terem mudado, mas pelo fato de que, a partir da nossa identidade modificada, passamos a percebê-los de maneira diferente de como o fazíamos outrora.

Identidade passa a ser algo muito mais amplo do que um comportamento. Ela engloba o ser como um todo e em todos os seus momentos. Em cada situação mostramos um ângulo, uma faceta de nossa identidade, ao passo que cada pessoa com as quais nos relacionamos tem uma impressão daquilo que somos (podemos ser). Uma identidade construída a partir das características que os outros reconhecem em nós pode trazer alguns pontos que entrariam em conflito, haja vista que o que cada um apreende de nós também passa pela sua subjetividade. Isso nos mostra que nem todo o trabalho de reposição de uma identidade atinge sua finalidade última de identidade estática, já que, não importando quanto a tenhamos repostado, ela continuará a ser percebida sempre de maneira diferente.

Sendo o homem um mundo de possibilidades, um ser-posto, de outro modo, um vir-a-ser, ele é concreto. Percebe-se então que a identidade se desenvolve pelo desejo, pelo reconhecer-se em sua sociabilidade e sua historicidade. Ele também é personagem que ele próprio cria, onde é autor e personagem, ao mesmo tempo. Mas como ele está circundado por outros indivíduos, essa autoria traz a menção de uma autoria coletiva, já que onde há o autor de uma história há também o narrador, o contador de caso. A identidade do autor é constituída pelo personagem à medida que o personagem constitui a identidade do contador de casos.

Assim, o processo de construção da identidade é a história do esporte (BOURDIEU, 1980). É nesta relação: identidade-esporte que se entende que, inicialmente, o indivíduo aparece como um repositório de vários outros. A dissolução da aparência das reposições se dá através do fenômeno esportivo; o esporte é, portanto, uma maneira de o indivíduo existir,

objetivar-se e, ao objetivar-se, construir sua identidade.

Não se trata de tentar reduzir nossa visão psicológica ao estudo da prática esportiva do homem, tão-somente; entretanto, temos noção de que constituiria uma impossibilidade pensá-lo sem sua presença em nossa análise.

O FENÔMENO ESPORTIVO

É hora de explanar algumas considerações sobre a constituição e transfiguração do mundo esportivo. Para entender a relação entre esporte e sociedade, assim como a lógica inerente à estruturação do mundo esportivo, Guttman (1978) aponta que é preciso situá-lo ordenadamente em seu marco cultural e antropológico. Para o autor, o esporte é um fenômeno que atravessa os tempos e pode ser encontrado em distintas eras, em diferentes povos, de forma que os atributos do esporte vão depender das características da sociedade na qual ele está inserido.

Da mesma maneira pensam Lüschen e Weis (1979), que vêem no esporte, em culturas étnicas e sociedades tribais, um forte vínculo com a vida sociocultural. Na elaboração de análises do esporte como instituição social, ganham importância perguntas sobre sua organização formal e sua relação com outras instituições sociais. Para esses dois autores, torna-se decisivo, por exemplo, saber em que medida a evolução do esporte formal na sociedade moderna depende do desenvolvimento econômico e de que modo se dá a sua influência na dinâmica política de um país ou região.

O caráter “extraordinariamente polissêmico” cunhado por Garcia Ferrando (1990) refere-se a realidades sociais variadas e complexas. Por isso, qualquer definição do termo deveria ser ampla e flexível, destacando seus “elementos essenciais”, mas sem deixar de ser inclusiva. Nesta visão, três são as concepções essenciais acerca do esporte. Primeiro, é uma atividade física. Segundo, é de natureza competitiva. E, por último, é governada por regras institucionalizadas.

Bourdieu (1990; 1980) formulou questões que consideravam o esporte como uma prática social associada à determinada estrutura de classes. Para contextualizar sua análise, ele

ênfase no caráter radicalmente novo do esporte moderno em relação às competições tradicionais, examinando a função social das novas práticas culturais correspondentes à hierarquia social vigente na Inglaterra, na segunda metade do século passado. Em função dessa disputa, a dinâmica desse processo é relativamente autônoma (não é um mero reflexo da história política ou econômica), e assim cada campo tem “[...] suas próprias leis de evolução, suas próprias crises, em suma, sua cronologia específica” (BOURDIEU, 1980, p.137).

Bourdieu (1990) confere uma ênfase especial às razões da adesão a esta ou aquela modalidade, ou melhor, para a relação entre o *habitus* de uma classe social, as características intrínsecas de cada esporte e a função social que lhe é atribuída. Este raciocínio se pauta na constatação de que cada prática cultural é portadora de valores socialmente definidos; assim, seria necessário apenas estabelecer uma correlação entre as demandas por práticas e entretenimentos esportivos e o estilo de vida e o a forma de consumo de cada classe social (diferenciadas por sexo, idade, etnia, etc.).

UM PANORAMA SOBRE A GLOBALIZAÇÃO

Uma das grandes características do mundo contemporâneo é a velocidade das mudanças sociais, econômicas, políticas e tecnológicas, que refletem sobre a sociedade como um todo. Mesmo sendo um fenômeno complexo, a globalização se encontra em evolução. Uma das principais características advindas destas mudanças frenéticas foi o aumento da competição nos mercados de bens, e da mesma maneira para as oportunidades de crescimento e de desenvolvimento.

A globalização tem produzido uma expansão sem precedentes nos últimos vinte anos. Paralelamente a esse fenômeno, avanços em inovação tecnológica e comunicações digitais têm transformado, num ritmo acelerado, as estruturas das sociedades centradas no saber, portanto no poder da informação (D’ADESKY, 2001). É como se cada indivíduo passasse a ser elo de múltiplas redes de comunicação, informação, interpretação, divertimento, aflição, evasão. A globalização compreende estas relações (relações sociais), processos e estruturas, situações que

desenvolvem de toda e qualquer fronteira, “[...] em escala mundial, ligando localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por ventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa” (GIDDENS, 1991, p. 69). Esta desterritorialização vem tirar o norte de coisas, gentes e idéias, realidades e imaginários. A perda do passado fatalmente provoca a perda do futuro. É preciso perceber que a globalização – tanto dos meios de comunicação e das grandes corporações e organizações quanto dos procedimentos, linguagens, técnicas de informação, elaboração e análise – gradativamente, impõe aos indivíduos formarem-se e conformarem-se com modelos de símbolos, sentidos e significados, assumindo-os como realidade padronizada a partir do neoliberalismo. O mundo passa a ser influenciado pelo padrão da racionalidade, gerado com a cultura desse mesmo neoliberalismo, em qualquer parte do mundo (IANNI, 1996).

Cabe esclarecer que, para além de simples paisagem, ou de pano de fundo emoldurativo e inerte sobre o qual personagens contracenam, o cenário exposto é tomado como constitutivo do sujeito. Significá-lo desta maneira remete à idéia de reciprocidade entre mundo e sujeito, objetividade e subjetividade. Desta forma, o trabalhador em foco é o sujeito da reestruturação do trabalho, com distintos modos de experimentar o tempo, tendo em vista o reordenamento dos processos produtivos marcadamente atravessados pela velocidade.

Esse cenário exige uma presença mais efetiva das áreas de conhecimento relacionadas, uma vez que as novas tecnologias exigem novas experiências do trabalhador, o que obriga a uma abertura ao novo, configurado nas inúmeras tecnologias e paradigmas. Mudanças deste tipo implicam uma conquista da flexibilidade para uma melhor adaptação ao mercado em sua lógica de pulverização e globalização; uma abertura para o tão propalado novo: novos produtos, novas tecnologias, novos paradigmas, novos hábitos etc. A abertura para o novo, no entanto, não traz, necessariamente, consigo uma abertura para o estranho, nem a transigência ao frenesi que isso mobiliza. Frente a estas transformações, cabe às identidades se reconfigurarem. Tais reconfigurações mostrar-se-ão, certamente, atravessadas pela questão do trabalho e do tempo, paradigmáticos nos modos de viver e de subjetivar contemporâneos.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FRENTE À SOCIEDADE GLOBAL

Segundo Lévy-Leboyer (1994), hoje estaríamos vivendo, ao mesmo tempo, uma desagregação e um desligamento em relação ao trabalho. Desagregação porque o significado do trabalho estaria enfraquecendo-se e seu valor limitando-se às vantagens materiais que ele proporciona. Desligamento, dado ao fato de que a vida profissional teria uma importância cada vez menor na vida das pessoas.

Não obstante, não se pode encarar isso como uma perda total da importância do fenômeno esportivo, pois, embora a vida do ser humano seja atravessada e influenciada pelo fenômeno esportivo, ela não pode ser compreendida sem sua presença. A prática esportiva faz parte do homem; onde quer que estejam as causas de seu sofrimento, estará sua própria vida.

Ianni (1997) nos mostra que na sociedade global os processos de construção da identidade alteram-se em suas mediações, padrões, valores, ideais, bem como nas condições de sua manifestação. Na sociedade global do esporte, as grandes corporações estão vigentes. As mudanças hodiernas (frenéticas e avassaladoras) estão mais constantes do que no passado, e muito disso é influenciado pelo desenvolvimento tecnológico.

Com base nas “[...] novas perspectivas do indivíduo, da individuação, da realização do indivíduo em âmbito que se transcende o local, regional, nacional” (IANNI, 1997, p.111) vemos a emergência de novas formas (novas condições sociais, econômicas, políticas e culturais) nas quais as identidades são constituídas e transformadas.

Um atleta, em rigor, somente poderia realizar-se na sociedade do esporte – em suas relações com outros, coisas, idéias, a natureza, a sociedade. As carências, continuamente recriadas, instituem a trama das relações sociais, a dialética indivíduo-sociedade, implicando o outro e ambos constituindo-se reciprocamente todo o tempo. Quando a sociedade se torna global, ele nada ganha em refugiar-se no eu, em sua identidade; ao contrário, adquire outras possibilidades de realizar-se, emancipar-se, precisamente no âmbito da sociedade, da trama

das relações sociais. O mesmo contexto no qual o indivíduo constrói sua identidade é o contexto no qual ele se forma e se transforma. Assim, na sociedade é global – além da nacional - podemos imaginar ser aí que ele adquire outra figura: transfigura-se.

E onde entra o sentido de entender o processo de construção da identidade, neste *mise en scène* todo? A questão do sentido torna-se bastante aguda num contexto onde os referenciais estáveis, naturais, de orientação no mundo se tornaram frágeis e insuficientes para garantir uma movimentação coerente e previsível no espaço social. A idéia do outro impõe um movimento de extensão e contração da sociedade civil e do estado no qual, segundo Bauman (1999), não há mais uma continuidade da sociedade global e a idéia de associação e representação das sociedades e culturas específicas. Assim a busca por um dá lugar a uma reconstrução de identidades defensivas ao redor de princípios comuns. De maneira geral, os trabalhadores vêm se organizando na oposição entre fluxos não identificados e identidades isoladas. O questionamento de como transformar a resistência local em novos atletas imbricados na mudança é, para o autor, um dos grandes desafios para o entendimento da nova maneira em que se dá a construção da identidade no âmbito da sociedade contemporânea.

A sociedade global, no momento em que é fomentada pela diferenciação, investe sistematicamente no local, principal ingrediente de sua expansão. O local contra o nacional atrasado, o global contra o local atrasado. Assim, a busca por uma conceituação do processo de construção da identidade seria causa de grandes discussões sob a perspectiva da globalização. Isso quer dizer que a dimensão polêmica, controvertida, da globalização aponta precisamente para a visibilidade e produtividade ideológica que a questão da identidade assume. As novas perspectivas que esperávamos serem abertas, para construção da identidade, não acontecem no cenário da sociedade global. Isto porque a emergência de novas formas de construção da identidade significa, para Bauman, uma economia nas relações e interações entre os indivíduos (explicitamente posta em tela pela globalização).

O atleta globalizado, pela impotência ou pela assertividade agressiva do seu espaço (IANNI, 1997), tenta reestabilizar o estado de fluxo, as exigências do contínuo reajustamento, as incertezas de um futuro desconhecido. Neste contexto, ele (o atleta globalizado) encontra na execução e realização de sua prática esportiva - e conseqüentemente, no processo de construção de sua identidade - uma forma de expressão de seu desejo de interromper os fluxos de mudanças permanentes e aparentemente sem direção, que sobrevivem à sociedade global do esporte, como efeito de uma espécie de destino incompreensível e implacável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na direção do fundo desta discussão, vê-se interessante ressaltar que a globalização, no prisma pós-fordista (HELOANI, 2003, 2000), representa um novo regime da relação entre o geral e o particular, o universal e o singular, na qual um curioso movimento se dá. A crítica ao globalismo moderno (expresso em modelos institucionais ou objetos culturais) não significa uma recusa da globalização, mas uma localização do globalismo (BURITY, 2001). Isto é, a identidade tanto pode, em nome de certos direitos amplamente reconhecidos, reivindicar uma autonomia parcial ou mesmo secessão, como identificar outros grupos sociais cuja presença representariam uma ameaça a ser neutralizada, ou ainda, reclamar sua inclusão no pacto de sociedade (LACLAU, 1993) mais amplo em que se insere. Desta maneira, de um lado temos uma microglobalização conflito consigo mesma e com o Estado, e do outro a reivindicação local do globalismo como demanda por inclusão.

Isso resulta na experiência da identidade como construção. Confrontamo-nos com o anseio de movimentos e grupos por sua permanência na direta continuidade com um passado ameaçado de destruição ou injustificadamente violentado. Não há identidades puramente expressivas. Há, em conseqüência da lógica da globalização, segundo

Burity (2001), reafirmações de identidades combinadas às novas ênfases e objetos de disputa; como uma reinvenção de identidades para objetivos políticos ou mercadológicos (inclusive como forma de apresentação da diversidade local que funciona na indústria do turismo); e o surgimento de novas identidades. Em cada um dos casos, busca-se a construção da identidade - para legitimar uma situação, para resistir a -ela ou para introduzir nela novas questões e práticas que apontam para projetos de mudança social.

O homem é um ser genérico, agente, que constrói a si mesmo ao construir o mundo e só se realiza quando se torna outro. O homem também é um ser que produz significados. Onde buscar a compreensão do homem senão na forma como o homem produz sua própria vida? A prática esportiva é o momento significativo do homem, é a possibilidade da felicidade, da liberdade, da loucura. É a partir dele que o atleta globalizado estrutura suas significações, representações e relações com o mundo: seu vínculo e espaço de organização para a construção com identidade.

Isto nos remete a entender que os ciclos de vida do esporte de alto rendimento são muito curtos. Novas equipes esportivas de grande porte, inteiras, aparecem da noite para o dia, como também somem na mesma velocidade. Entretanto, à medida que as condições que criaram os novos modos de prática esportiva desaparecem, não há mais a necessidade de empacotar o esporte na forma de patriarcado. Ora, se então as formas de expressão do esporte mudaram, é possível pensar que as formas de construção da identidade do atleta globalizado, pelo menos da maneira como ele costumava expressá-la, não são mais as mesmas.

Assim aponta-se para uma racionalização dos processos subjetivos no esporte, racionalização esta que prioriza o tempo, o ritmo, a velocidade e a produtividade, produz a subordinação do atleta globalizado à máquina, ao sistema, às estruturas de dominação e apropriação prevalentes, promovendo sua alienação. Mais uma vez o criador é levado a subordinar-se à criatura.

ABSTRACT

The purpose of this study is to discuss the interface: identity, sport, globalization (based on both the technological development and tradition), and the contradiction between the identity affirmation and the technological increment in the advance of the globalization concerning the sportive context. Considering the character conferred to sport with time, it is seen as having an articulating role of subjectivities in the human being's life. The sport, as a human activity, modifies not only the world, but also the subject who performs it, immersed in a society that, from the theoretical exaltation of the sport category, is effectively changed as a whole: now seen as a society of sportsmen. With the advent of singular forms of sport organization, men saw themselves not basing their life in necessities of belonging to the family, the communities, the social organizations, but constrained to believe in possibilities of their own development as autonomous and free subjects..

Key words subjectivity. Sport. Globalization. Sport Psychology.

REFERÊNCIAS

- AUGÉ, M. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.
- BAUMAN, Z. **Globalização**: as conseqüências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- _____. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1980.
- BURITY, J. A. Globalização e identidade: desafios do multiculturalismo. **Trabalhos para discussão**, n.107, 2001. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/tpd/107.html>>. Acesso em: 20 mar. 2003.
- D'ADESKY, J. **Globalização, migrações e cidadanias cosmopolitas**. Rio de Janeiro: Unesco/Ucam, 2001.
- DA POIAN, S. M. Pós-modernismo e psicanálise: reflexões perigosas? **Cadernos de Psicanálise**, Rio de Janeiro, n.12, p.173-180, 1998.
- DUPAS, G. **Economia global e exclusão social**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- GARCIA FERRANDO, M. **Aspectos sociales del deporte**: una reflexión sociológica. Madrid: Alianza Editorial, 1990.
- GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.
- GUTTMANN, A. **From ritual to record**: the nature of modern sports. New York: Columbia University Press, 1978.
- HABERMAS, J. **Para a reconstrução do materialismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- HARVEY, D. **Condição pós-modernidade**. São Paulo: Loyola, 1996.
- HELOANI, J. R. **Organização do trabalho e administração**: uma visão multidisciplinar. São Paulo: Cortez, 2000.
- IANNI, O. **A sociedade global**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- _____. **Teorias da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- LACLAU, E. **Nuevas reflexiones sobre la revolución de nuestro tiempo**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1993.
- LÉVY-LEBOYER, C. **A crise das motivações**. São Paulo: Atlas, 1994.
- LÜSCHEN, G.; WEIS, K. **Sociologia del deporte**. Tradução Erika Schwarz e Daniel Romero. Valladolid: Miñón, 1979.
- MAGNABOSCO, M. M. Identidade, alteridade e globalização: uma reflexão a partir do testemunho de Rigoberta Menchú. **Psicologia – ciência e profissão**, Brasília, ano 22, n.1, p.10-17, 2002.

Recebido em 24/08/04

Revisado em 20/09/04

Aceito em 25/10/04

Endereço para correspondência: Bruno Stramandinoli Moreno. Rua Alagoas, 1560, ap.803 – Centro, CEP.86020-430, Londrina-PR. E-mail: bstm@sercomtel.com.br